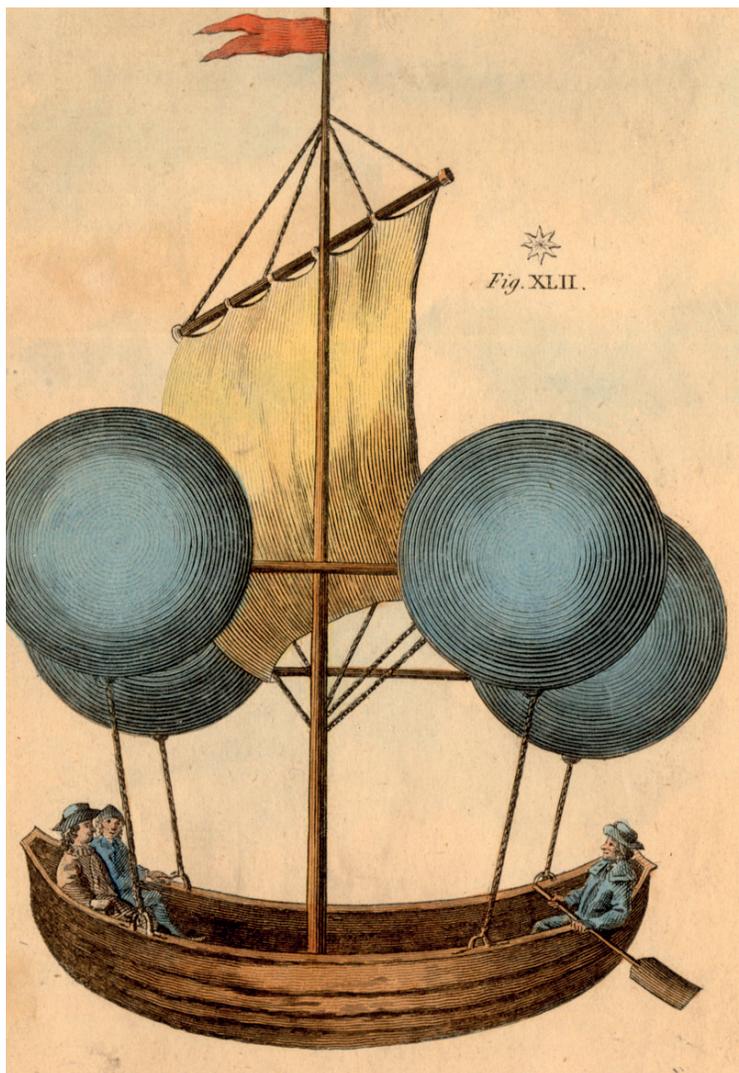


Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 50 jan-jun 2024 ISSN 1413-6651

IMAGEM A gravura do século XVIII, colorida à mão, apresenta o “navio voador” originalmente concebido pelo jesuíta e cientista italiano Francesco Lana de Terzi em seu *Pródromo, ouero, saggio di alcune inuentioni nuoue, premesso all'arte maestra* de 1670. A embarcação apresentaria quatro esferas de cobre que seriam evacuadas em vez de preenchidas, elas supostamente seriam leves o suficiente para levantar o peso da nave. O *Pródromo* teve grande repercussão na comunidade científica do século XVII, inclusive, sobre Leibniz e a Royal Society.

EDITAR OS *PENSAMENTOS* DE PASCAL:
CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E ANÁLISE
DA EDIÇÃO DE ALAIN CANTILLON

Flavio Fontenelle Loque,
Professor, Universidade Federal de Lavras,
Lavras, Brasil
flavioloque@yahoo.com

Resumo: A descoberta póstuma de escritos de Blaise Pascal tratando da religião cristã colocou um desafio a seus familiares e amigos: como editá-los? O presente artigo pretende realizar um estudo desse desafio e elaborar um quadro amplo das principais edições feitas desde o século XVII, incluindo-se a edição de Allain Cantillon publicada em 2023. O propósito do presente artigo se subdivide, portanto, nos seguintes passos: (I) considerações históricas sobre a tarefa de editar os *Pensamentos*, (II) panorama das principais edições e, por fim, (III e IV) descrição e análise da proposta editorial de Alain Cantillon.

Palavras-chave: Pascal; Manuscritos; *Pensamentos*; Edição; Ordenação; Cantillon.

INTRODUÇÃO

Os textos têm histórias. Há a história da composição, das interpretações, mas há ainda a história material. Em alguns casos, antes de os editores publicarem uma obra, é preciso constituí-la: realizar o estabelecimento do texto no que se refere às melhores lições e, não raro, ao próprio encadeamento das partes. A esse respeito, entre os textos modernos, talvez nenhum seja tão instigante quanto os *Pensamentos*, de Blaise Pascal (1623-1662). É isso que explica a pletora e a diversidade de edições existentes. Quebra-cabeça irresolúvel, suas peças filosófico-teológicas admitem vários encaixes possíveis. Em novembro de 2023, uma nova proposta editorial veio a lume: a edição estabelecida, apresentada e anotada por Alain Cantillon, publicada em Vincennes pelas Éditions Thierry Marchaisse. Explicá-la e avaliá-la é o objetivo do presente trabalho, objetivo que se almeja alcançar à luz de uma exposição dos desafios de editar os *Pensamentos* e de um panorama de suas principais edições. As páginas a seguir, portanto, estruturam-se em quatro partes: (I) considerações históricas sobre a tarefa de editar os *Pensamentos*, (II) panorama das principais edições e, por fim, (III e IV) descrição e análise da proposta editorial de Alain Cantillon.

I. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A TAREFA DE EDITAR OS *PENSAMENTOS*

Em agosto de 1662, ao falecer com trinta e nove anos de idade, Blaise Pascal deixou vários manuscritos, parte dos quais publicada em 1670 com o título de *Pensamentos do Senhor Pascal sobre a religião e sobre alguns outros assuntos*. A edição não foi uma empreitada fácil. Havia três alternativas: (α) reproduzir os escritos literalmente e na desordem em que estavam, (β) completá-los e ordená-los segundo o que seria, supõe-se, o plano de Pascal, (γ) selecionar os mais claros e bem acabados, organizando-os de maneira inteligível. Prevaleceu a terceira alternativa, que envolveu ainda retoques nos textos¹. A

1 As modificações nos textos provocaram apreensão na família de Pascal, gerando o que

edição continha um prefácio escrito por Étienne Périer, sobrinho de Pascal. É ele quem relata o impasse editorial, além de descrever o estado em que os manuscritos foram encontrados e a medida que então se tomou:

Como se conhecia o propósito do Senhor Pascal de trabalhar sobre a religião, teve-se um enorme cuidado após sua morte para recolher todos os escritos que ele havia elaborado sobre essa matéria. Estes foram encontrados todos juntos, costurados em diversos maços (*enfilés en diverses liasses*), mas sem nenhuma ordem e sem nenhum encadeamento porque, como já observei, eram apenas as primeiras expressões de seus pensamentos, que ele escrevia em pequenos pedaços de papel à medida que lhe vinham ao espírito. E tudo isso estava tão imperfeito e tão mal escrito que se teve todo o trabalho do mundo para decifrar. A primeira coisa que se fez foi mandar copiá-los tal como estavam e na mesma confusão em que haviam sido encontrados (Pascal, 1670, pref., s. p.).

Por quase três séculos, a ausência de ordem e encadeamento apontada por Étienne Périer² resultou em sucessivas edições dos *Pensamentos* baseadas em ordenações temáticas (caso de Brunschvicg) ou em ordenações que ambicionavam reconstituir o projeto apologético pascaliano (Chevalier, por exemplo). Cada editor, segundo sua compreensão dos escritos e da possibilidade de determinar o plano de Pascal, propunha-lhes um agrupamento e um sequenciamento próprios. Ao longo dos anos 1930 e 1940, contudo, ocorreu uma mu-

Pérouse (2006) chama de “querela da autoridade”: até que ponto as alterações permitiriam dizer que a obra publicada realmente era de Pascal?

2 O autor do prefácio aos *Tratados sobre o equilíbrio dos líquidos e sobre o peso da massa de ar*, publicados em 1663, possivelmente Florin Périer, pai de Étienne e cunhado de Pascal, faz uma caracterização semelhante desse conjunto de papéis encontrado pela família: “amontoado de pensamentos desconexos” (*amas de pensées détachées*) (Pascal, 1964, p. 689).

dança significativa. Diferentes especialistas, Tourneur, Couchoud, Lafuma³, passaram a se interrogar sobre os “diversos maços” em que os escritos haviam sido “costurados”, apontando assim que existia certa ordem no papelório deixado por Pascal. Como, porém, identificar esses maços?

Após a morte de Pascal, mandou-se copiar os manuscritos, conforme o relato de Étienne Périer. Desse procedimento, resultaram as duas cópias hoje tomadas como referência e identificadas simplesmente como Primeira Cópia (C₁) e Segunda Cópia (C₂). Ambas da mão do mesmo copista e possivelmente feitas com base numa cópia anterior (C₀), elas apresentam textos bastante próximos, mas ordenados de maneira diferente⁴. Foram preservados ainda muitos dos papéis de Pascal, os quais foram colados em folhas e encadernados no começo do século XVIII, o que resultou num in-fólio com 492 páginas nas quais há 741 papéis autógrafos e heterógrafos, conjunto ao qual, em 1864, quatro páginas foram acrescentadas. Trata-se da chamada Recolha Original (RO, *recueil des papiers originaux*)⁵. Vários dos papéis contêm um pequeno furo de agulha, prova da costura em maços, mas a sequência em que foram colados foi em parte influenciada pelo desejo de reunir o máximo de papéis no mínimo de folhas. Alguns deles possivelmente foram aparados no momento da colagem, mas o estado fracionário do conjunto remonta ao próprio Pascal, que escrevia em folhas grandes (*feuilles*) que ele então dobrava em folhas menores (*feuillets*) e enfim cortava para poder fazer o agrupamento à linha. A constatação dos furos atesta a costura em maços, mas como saber quantos maços havia e quais escritos cada um deles englobava?

Eis que as cópias ganham importância. A comparação entre elas revela agrupamentos comuns ou dossiês de escritos, cuja diferença reside, basicamente, na disposição. Isso sugere que as cópias preservaram dossiês pré-existentes,

3 Para um panorama das edições dos *Pensamentos*, tanto no que se refere à ordenação quanto ao estabelecimento textual, veja-se a seguir a seção II.

4 A diferença entre C₁ e C₂ é menos significativa do que pode parecer à primeira vista, como argumentam Descotes e Proust (2008).

5 C₁, C₂ e RO estão acessíveis na plataforma virtual Gallica da Biblioteca Nacional da França. Os links encontram-se disponíveis nas referências bibliográficas.

encadeando-os, porém, de maneira distinta. Tomando-se como referência a enumeração de Lafuma, as ordenações são as seguintes: C₁: 1-27, I, II-XIX, XX, XXI-XXII, XXIII-XXXI, XXXII-XXXIV; C₂: I, 1-27, XXXV, XXXII-XXXIV, XXIII-XXXI, XXI-XXII, XX, II-XIX. Há 61 dossiês em C₁ e 62 em C₂, que traz a mais o dossiê “contra a fábula de Esdras” (XXXV). Não se pode dizer, porém, que todos eles sejam efetivamente maços. No caso de alguns, os que Lafuma chama de séries VII, X, XVI, XVIII, XXI, o cotejo com RO revela que a cada um corresponde um único papel. Existem também dossiês nos quais há apenas um pensamento ou um pensamento principal com outros à margem, caso das séries II, IV, VIII, IX, XII-XV, XVII. Nessas situações, não se aplica a costura à linha, razão pela qual esses dossiês, a rigor, não podem ser denominados maços. Nem todos os 61 ou 62 dossiês são, portanto, maços, mas todos os maços são dossiês⁶. Especificamente no que se refere aos maços, a comparação de C₁ e C₂ com RO revela ainda outro ponto essencial. Ausente em RO, há em ambas as cópias uma tábua de matérias com vinte e sete títulos em duas colunas (10 à esquerda, 17 à direita). Em C₁, a tábua ocorre duas vezes, antes e depois dos dossiês correspondentes aos títulos; em C₂, ela encabeça o documento. Como vários pensamentos desses 27 dossiês se abrem com o título presente na tábua de matérias e como o cotejo com RO demonstra que os manuscritos possuem uma abundância de furos de agulha⁷, a conclusão que parece se impor é que, entre todos os maços, esses 27 Pascal não só costurou, como também intitulou. Imagina-se que o processo tenha ocorrido em 1658, ano da conferência em Port-Royal, o que não impede que mais tarde novos textos tenham sido compostos e os maços rearranjados.

Valendo-se da identificação dos maços, Lafuma propõe em 1951 uma edição dos *Pensamentos* seguindo a ordenação presente em C₁. Em 1976, Sellier

6 Sobre a especificação relativa aos dossiês e maços, veja-se Mesnard (1993, p. 26 - 27), que faz ainda a seguinte avaliação geral: “se esses fatos [nem todos os dossiês são maços] nos obrigam a restringir o alcance da hipótese dos maços, eles atestam da maneira mais manifesta o escrúpulo do copista em respeitar nos papéis de Pascal toda unidade constituída, mesmo se imputável ao acaso”.

7 Para um exame detalhado de RO e das cópias, veja-se Proust (2010).

lança uma edição baseando-se em C_2 , cuja ordem lhe parece mais fidedigna pelo fato de os dossiês não estarem copiados em cadernos autônomos, o que teria evitado uma reordenação. Em 1977, Le Guern também publica uma edição embasada em C_1 , mas dando aos pensamentos uma numeração diferente da de Lafuma, já que não classificou como distintos os que se encontram num mesmo papel. Sem dúvida, a determinação dos limites de vários pensamentos não é óbvia, mas o desafio mais relevante quanto ao texto diz respeito ao estabelecimento das melhores lições. A grafia de Pascal, verdadeira garatuja, é dura de decifrar e as cópias, embora bem legíveis, não desfazem todas as dificuldades. A essa classe de questões, os estudiosos têm se dedicado desde a metade do século XIX, depois de Cousin ter explicitado, num relatório de 1842 à Academia Francesa, que a edição de Port-Royal retocava os textos, além de tê-los selecionado. Publicada em 1844, a edição de Faugère é a primeira resposta à demanda de publicar *ipsis litteris* todos os pensamentos⁸.

Em linhas gerais, portanto, editar os *Pensamentos* significa deparar-se com duas classes de questões: a primeira é relativa à ordenação dos pensamentos e, historicamente, seu marco reside na transição para as edições baseadas nas cópias; a segunda concerne ao estabelecimento das melhores lições e tem como matriz o relatório de Cousin. É à luz desse quadro histórico, o qual é complementado a seguir com um panorama das edições dos *Pensamentos*, que se pode avaliar a edição feita por Alain Cantillon e publicada em 2023, ano do quadricentenário do nascimento de Pascal.

8 As informações que compõem os parágrafos anteriores assim como o panorama da seção II foram extraídas basicamente das seguintes fontes: Brunschvicg (1925, p. I-XL), Mesnard (1962, p. 125-136; 1993, p. 15-40, 374-383; 2013), Frigo (2015, p. 11-37), Sellier (2009), Plazenet (2022), além do sítio <http://www.penseesdepascal.fr/>. Algumas recensões também foram consultadas: Lewis (1950), Descotes (1979), Hendrickx (1982), McKenna (1984) e Contat (1993).

II. PANORAMA DAS EDIÇÕES DOS *PENSAMENTOS*

1662: Morte de Pascal em Paris (19 de agosto)

1664: A família Périer deixa Paris e instala-se em Clermont levando consigo os pertences e manuscritos de Pascal. No início do século XVIII, os manuscritos estão sob a guarda de Louis Périer, irmão de Étienne Périer e cônego da catedral de Clermont.

1666: Florin Périer obtém o privilégio para a publicação de *Fragmentos e Pensamentos* (27 de dezembro).

1670: *Pensamentos do Senhor Pascal sobre a religião e sobre alguns outros assuntos*, a chamada edição de Port-Royal, com prefácio de Étienne Périer⁹. A publicação é realizada por Guillaume Desprez, a quem Florin Périer transferira o privilégio. Em 1670 e 1672, edições piratas são publicadas em Lyon. Nos anos seguintes, outras edições não autorizadas ocorrem em Rouen e Amsterdã.

1677: *Pensamentos do Senhor Pascal sobre a religião e sobre alguns outros assuntos*, edição feita em Amsterdã e acrescida do *Discurso sobre os Pensamentos do Senhor Pascal* e do *Discurso sobre as provas dos livros de Moisés*, ambos de Nicolas Filleau de La Chaise e originalmente publicados em 1672.

1678: Nova edição, ampliada com cerca de quarenta fragmentos, da edição de Port-Royal. A nova edição traz ainda, ao final, o opúsculo até então inédito *Que há demonstrações de outra espécie e tão certas quanto as da geometria*, de Filleau de La Chaise¹⁰. Desprez obtivera um novo privilégio em 15 de agosto de 1677, agora com duração de vinte anos (o anterior expirara em 1675).

1684: Nova edição feita em Amsterdã, agora com base na nova edição de Port-Royal, acrescentando-lhe a *Vida de Pascal*, de Gilberte Périer, que havia sido publicada separadamente no mesmo ano, além dos *Discursos*, de Filleau de La Chaise.

9 A rigor, como observa Lafuma (1952), houve uma edição pré-original em 1669, a primeira edição de 1670 (com duas tiragens), uma segunda edição ainda em 1670 (também com duas tiragens) e uma nova edição em 1671.

10 Sobre a influência de Filleau de La Chaise na recepção dos *Pensamentos*, veja-se McKenna (1988).

1711: Louis Périer deposita vários manuscritos de Pascal, entre os quais os dos *Pensamentos*, na Biblioteca de Saint-Germain-des-Près em Paris. Os manuscritos dos *Pensamentos* encontram-se colados em folhas e estão encadernados numa brochura (*brochés*). Pouco depois, por volta de 1730, eles são revestidos com uma capa dura verde (*reliés*), adquirindo a conformação com que haveriam de ser preservados. Esse é o documento identificado como RO. Em 1731, C₁ é depositada na mesma biblioteca após a morte de Jean Guerrier, que recebera a cópia de sua prima Marguerite Périer, que a herdara de Louis. Em 1733, com a morte de Marguerite, Pierre Guerrier, sobrinho de Jean, herda uma parcela dos documentos de Pascal. Entre estes está C₂, que, depois de passar por outras mãos, chegou ao abade Bossut e, enfim, à Biblioteca Real.

1776: *Pensamentos de Pascal*, por Condorcet, primeiro a romper com a ordenação da edição de Port-Royal. Em 1778, a edição é republicada com notas de Voltaire.

1779: *Pensamentos do Senhor Pascal*, no segundo volume dos cinco das *Obras de Blaise Pascal*, pelo abade Charles Bossut. Divisão temática em duas partes: a primeira (com doze capítulos) diz respeito àqueles relacionados “à filosofia, à moral e às belas letras”; a segunda (com dezenove), àqueles “diretamente relativos à religião”. Embora tenha incluído alguns inéditos, a edição de Bossut não abarca a totalidade dos pensamentos.

1780: *Pensamentos e reflexões extraídos de Pascal sobre a religião e a moral*, em dois volumes, pelo abade Gabriel-Marin Ducreux, primeiro a propor uma ordenação buscando estabelecer o plano apologético de Pascal.

1835: *Pensamentos de Blaise Pascal restabelecidos seguindo o plano do autor*, por Jean-Marie-Félicité Frantin, nova tentativa de ordenação segundo o plano apologético de Pascal.

1842: Victor Cousin, num relatório para a Academia Francesa intitulado *Sobre os Pensamentos de Pascal*, aponta a necessidade de uma edição dos *Pensamentos* com um estabelecimento textual que fizesse jus aos originais preservados. É também Cousin o responsável por estabelecer e difundir a fórmula “apologia da religião cristã” ao tratar dos escritos deixados por Pascal (registre-se, porém, que em 1803, na *Defesa do Gênio do Cristianismo*, Chateaubriand

já falara em “apologia do cristianismo”)¹¹.

1844: *Fragmentos de uma Apologia do Cristianismo ou Pensamentos sobre a Religião*, no segundo dos dois volumes dos *Pensamentos, fragmentos e cartas de Blaise Pascal*, por Prosper Faugère. Divisão temática em duas partes: a primeira (com quatro capítulos) intitula-se “miséria do homem sem Deus”; a segunda (com dez), “felicidade do homem com Deus”. Preocupação com o estabelecimento crítico do texto e esforço para publicar a totalidade dos pensamentos.

1852: *Pensamentos de Pascal*, por Ernest Havet (segunda edição, revista e ampliada, em dois volumes, 1866). A edição segue o texto estabelecido por Faugère, mas adota a ordenação de Bossut. Acréscimo de anotações copiosas: indicação de fontes, referências, etc.

1866: *Pensamentos de Pascal*, edição *variorum*, por Charles Louandre, com os trechos riscados por Pascal, substituídos ou não por novas formulações.

1896: *Os Pensamentos de Pascal*, por Gustave Michaut, que segue RO, recusando assim a ordenação (em temas ou com a pretensão de reconstituir o plano de Pascal) adotada em todas as edições anteriores.

1904: *Pensamentos*, em três volumes, por Léon Brunschvicg. Em 1905, publicação do fac-símile de RO com o título *Original dos Pensamentos de Pascal*. Em 1897, Brunschvicg já publicara os *Pensamentos e Opúsculos* e, de 1904 a 1914, publica as *Obras de Blaise Pascal*, em 14 volumes, os três últimos contendo os *Pensamentos* (os volumes 1-3 são editados em parceria com Pierre Boutroux, os volumes 4-11 contam ainda com Félix Gazier). Divisão temática dos fragmentos em quatorze capítulos. Novo esforço crítico para o estabelecimento do texto.

1925: *Pensamentos sobre a verdade da religião cristã*, em dois volumes, por Jacques Chevalier, que tenta reconstituir o plano apologético de Pascal.

1938: *Pensamentos do Senhor Pascal sobre a religião e sobre alguns outros*

11 Sobre a atribuição aos *Pensamentos* da fórmula ‘apologia da religião cristã’, veja-se Thirouin (2023).

assuntos, edição crítica em dois volumes, por Zacharie Tourneur. Em 1942, publicação da edição paleográfica dos escritos conservados em RO com o título *Pensamentos de Blaise Pascal*. Novo esforço crítico para o estabelecimento do texto e reconhecimento da importância dos maços. Em 1960, a edição dos *Pensamentos* por Tourneur é revista por Didier Anzieu e publicada também em dois volumes.

1948: *Discurso sobre a condição do homem*, por Paul-Louis Couchoud, que tenta reconstituir o projeto apologético de Pascal. Em sua introdução, Couchoud trata da existência dos buracos de agulha em vários papéis de Pascal colados em RO e, assim, lança nova luz sobre a costura em maços.

1951: *Pensamentos sobre a religião e sobre alguns outros assuntos*, em três volumes, por Louis Lafuma (segunda edição em 1952, ambas pelas Éditions du Luxembourg). Ordenação dos fragmentos com base em C₁. Os 27 maços iniciais são identificados como “papéis classificados”; os demais dossiês, “papéis não classificados” (as “séries” I-XXXIV). Em 1948, em edição de qualidade inferior por não seguir precisamente a ordem de C₁, Lafuma já publicara os *Pensamentos* (segunda edição em 1952, terceira em 1960, todas as três pela Delmas). Em 1962, Lafuma publica *O manuscrito dos Pensamentos de Pascal*, edição que também segue C₁, mas reproduzindo as fotocópias dos papéis tais como constam de RO.

1964: Em *O primeiro jato do fragmento pascaliano sobre os dois infinitos*, artigo publicado em japonês, Yoichi Maeda faz uma análise dos diferentes estágios de escrita de Pascal e, assim, coloca mais uma questão na análise dos *Pensamentos*, já que alguns textos podem ser lidos em duas camadas: a primeira versão e a versão revisada pelo próprio Pascal. É o método que Mesnard (1993, p. 384) haveria de denominar “dupla leitura”. O artigo foi republicado em 1972 nas *Crônicas de Port-Royal*¹².

12 Sobre Maeda e sua proposta, veja-se Mesnard (1987; 1993, p. 384-388). O próprio pesquisador, agora em francês, expõe e atualiza sua descoberta em Maeda (1979), trabalho no qual indica que, nos 27 maços com título, houve dois estágios de escrita em 45,8% dos pensamentos, ou seja, em 175 dos 382 (Maeda baseia-se na edição de Lafuma) e que, caso

1976: *Pensamentos*, por Philippe Sellier. Ordenação dos fragmentos com base em C₂. Em 2003, Sellier realiza uma nova edição dos *Pensamentos*, agora elaborada “segundo a ‘ordem’ pascaliana”.

1977: *Pensamentos*, em dois volumes, por Michel Le Guern. Ordenação dos fragmentos com base em C₁, mas com numeração própria, já que não separa os fragmentos que se encontram num mesmo papel.

1982: *Pensamentos*, por Francis Kaplan (segunda edição em 2005). Questionamento da ordenação baseada nas cópias e proposição de uma organização que pretende reconstruir a apologia projetada por Pascal.

1992: *Discursos sobre a religião e sobre alguns outros assuntos*, por Emmanuel Martineau. Tentativa de reconstituição dos “discursos” que, supõe Martineau, teriam sido decompostos pelo próprio Pascal antes da elaboração dos maços.

1996: Pol Ernst, em *Os Pensamentos de Pascal: geologia e estratigrafia*, estuda os papéis dos manuscritos de Pascal a fim de reconstituir as grandes folhas (*feuilles*) primitivas.

2011: *Os Pensamentos de Blaise Pascal*, edição eletrônica, por Dominique Descotes e Gilles Proust, com diferentes transcrições, estabelecimento crítico do texto, reprodução das imagens de C₁, C₂ e RO, além de abundantes informações e análises¹³.

2023: *Pensamentos*, por Alain Cantillon, que retoma uma organização temática e elabora uma classificação diferenciando manuscritos autógrafos e heterógrafos.

se leve em conta o tamanho dos pensamentos, isso significa uma escrita em dois estágios de 65% do conteúdo dos 27 maços.

13 Disponível em: <http://www.penseesdepascal.fr/index.php> Acesso: 19 março 2024.

III. A PROPOSTA EDITORIAL DE ALAIN CANTILLON

Maître de conférences emérito em literatura francesa do século XVII da Universidade Sorbonne-Nouvelle (Paris 3)¹⁴, Cantillon propõe uma edição dos *Pensamentos* cujo cerne consiste em distinguir textos autógrafos de heterógrafos e em classificá-los sob onze temas: (1º) o que é um homem no infinito?, (2º) reversão contínua do pró ao contra, (3º) o coração e a razão, (4º) devemos trabalhar para o incerto, (5º) o império fundado na opinião e na imaginação, (6º) a razão dos efeitos, (7º) justiça, força, (8º) fazemos da própria verdade um ídolo, (9º) pensamentos de fundo (*de derrière la tête*), (10º) divertimento e (11º) prova da divindade de Jesus Cristo. Ao décimo primeiro tema, segue-se o Memorial em apêndice. O resultado são duas grandes partes, cada uma das quais com o mesmo número de capítulos, mas com tamanho desigual, pois os autógrafos (832 ao todo) são mais numerosos que os heterógrafos (208). Cantillon identifica-os com uma referência alfanumérica (a letra A ou H seguida de um número arábico) e dá à margem a localização nos manuscritos (essencialmente, RO, C₁ e C₂). No interior de cada capítulo, sua intenção é dispô-los partindo dos mais gerais e bem acabados. O volume possui ainda duas tabelas de concordância (que estabelecem o paralelismo com as edições de Brunschvicg, Lafuma, Sellier e Le Guern), uma curta bibliografia, uma suma biográfica de Pascal e um índice, além de notas para esclarecer referências, indicar fontes e precisar variações textuais. A introdução fornece a justificativa da proposta editorial.

O núcleo da justificativa consiste em questionar a confiabilidade de C₁ e C₂: “nada permite afirmar com certeza que as cópias restituem a ordem dos papéis de Pascal tal como estavam no momento da sua morte” (2023, p. 18)¹⁵. Para sustentar sua posição, Cantillon propõe dois argumentos: 1º) as cópias

14 O currículo de Cantillon está disponível em: <http://grihl.ehess.fr/index.php?327>
Acesso: 22 março 2024.

15 As referências a seguir concernem à introdução de Cantillon publicada em Pascal (2023).

podem ter sido elaboradas pelas pessoas próximas de Pascal para ordenar os papéis encontrados, o que lhe parece ainda mais plausível pelo fato de não haver manuscrito autógrafo da tábua de matérias, 2º) mesmo que se admita que o próprio Pascal recortou os papéis e os costurou em maços, o que Cantillon põe em xeque, é impossível garantir que não tenha havido intervenções posteriores de outras pessoas entre a morte de Pascal e a realização das cópias. Como se pode notar, o alvo desses argumentos é a compreensão da história material dos papéis cujo marco é a edição de Lafuma. Para Cantillon, os textos que fundamentam essa compreensão – a *Vida de Pascal*, de Gilberte Périer, assim como o prefácio aos *Tratados sobre o equilíbrio dos líquidos e sobre o peso da massa de ar*, publicados em 1663, e à edição de Port-Royal – são demasiado parciais, pois almejam criar uma imagem idealizada de Pascal como alguém que, entre outras coisas em prol da religião, preparava uma grande obra apologética. A proposta editorial de Cantillon, assim, ancora-se nos seguintes princípios: o descrédito dos três referidos textos (os principais “dispositivos legendários”, *Ibidem*, p. 20), a recusa da existência de um todo do qual os escritos preservados seriam fragmentos (donde a rejeição do “termo ‘fragmento’, que dá a impressão de que um projeto bem definido de obra, quem sabe um livro já quase escrito, preexistiu aos escritos de que dispomos”, *Ibid.*, p. 16 - 17) e a descrença de que os maços tenham sido feitos por Pascal (cf. *Ibid.*, p. 20). Entretanto, ainda que se reconhecesse a autoridade dos maços, Cantillon sustenta que as cópias não deveriam embasar a edição dos papéis de Pascal, pois “tal trabalho deve tender a favorecer tanto quanto possível a leitura” (*Ibid.*, p. 18).

Orientado pelo imperativo da legibilidade e tendo lançado C_1 e C_2 em descrédito, Cantillon propõe então, como já observado, a organização em onze “*thémata*” (*Ibid.*, p. 36). Seu objetivo não é reconstituir um suposto plano de Pascal, mas formular “um percurso de leitura temática” que torne “os escritos mais acessíveis do que são hoje”, tarefa para a qual contribuiu “uma longa prática de ensino” (*Ibid.*, p. 31). Também como já observado, esses onze temas estruturam as duas grandes partes da edição, uma com escritos autógrafos, outra com heterógrafos. Essa diferenciação dos escritos é a característica mais inovadora da proposta editorial e seu valor reside, alega Cantillon, na

prevenção de “terríveis consequências” que adviriam da confusão entre as duas categorias (*Ibid.*, p. 26). Ao que parece, tais consequências seriam, essencialmente, uma “inversão na hierarquia” (*Ibid.*).

Quanto ao estabelecimento textual, Cantillon busca avançar na decifração da grafia de Pascal ao propor novas lições, como *vous êtes au carcan* em vez de *vous êtes embarqué* no chamado fragmento da aposta (nesse caso, Cantillon segue a primeira redação de C₁), e arrisca-se na definição dos pensamentos, cujos limites não são extraídos das normas “a cada traço um novo pensamento” e “a cada papel um novo pensamento” (*Ibid.*, p. 23). A edição destaca-se pela ênfase na importância da linearização, paragrafação e da pontuação, que é completada tão pouco quanto possível (a pontuação autógrafo é impressa em cinza; a de Cantillon, em preto)¹⁶. Os sinais gráficos e as notas também procuram assegurar o rigor referente ao texto.

Como avaliar essa nova edição dos *Pensamentos*?

IV. ANÁLISE DA PROPOSTA EDITORIAL DE CANTILLON

A preocupação com a legibilidade é um mérito, dado que as edições baseadas nas cópias são de fato mais difíceis de penetrar. Convém frisar, todavia, que o intuito de Cantillon de reduzir os obstáculos conceituais por meio de uma organização temática está associado ao questionamento dos maços. Seus argumentos a esse respeito soam especulativos e não estão distantes do argumento de Brunschvicg (1925, p. IV-V), segundo o qual as cópias, em particular C₁, seriam um primeiro esboço da edição de 1670. Está fora de dúvida que os textos dos familiares e amigos de Pascal guardam uma boa dose de idealização, mas talvez seja excessivo descartar a afirmação de que os escritos foram

16 Para um detalhamento da reflexão sobre a pontuação, veja-se a análise do chamado fragmento da aposta (A222) em Cantillon (2014b, 2014c). Para uma discussão mais ampla relativa à edição do referido fragmento (e, por metonímia, dos *Pensamentos*), veja-se Cantillon (2014a, p. 19 - 96).

encontrados todos juntos e costurados em maços. Por que e de que forma esse registro do estado de coisas poderia contribuir para a idealização de Pascal? Além disso, dada a ênfase de Étienne Périer na confusão dos escritos, por que teria ele assinalado a presença de maços, caso não existissem? Quanto à tábua de matérias, é impossível inferir categoricamente sua inautenticidade do fato de inexistir um manuscrito autógrafo. Como se sabe, ela contém 27 títulos, mas elenca ainda dois suplementares: na coluna à esquerda, “opiniões sãs do povo”, que se encontra riscado; na coluna à direita, “a natureza está corrompida”, que não corresponde a maço algum. A reprodução desses dois títulos, bem como a separação em colunas, parece sugerir que C_1 e C_2 trazem a cópia figurada de um manuscrito original perdido, conforme argumentam Michel e Marie-Rose Le Guern (1972, p. 10). Além disso, como observa Mesnard (1993, p. 26), a análise de RO revela que com muita frequência os títulos presentes nos pensamentos dos 27 maços foram acrescentados por Pascal num segundo estágio de escrita, o que indica uma intervenção para triá-los.

A principal inovação da edição de Cantillon reside na separação em duas partes dos escritos autógrafos e heterógrafos, sendo os autógrafos definidos como os da mão do próprio Pascal ou da mão de outrem, desde que corrigidos ou anotados também por ele. A edição de Brunschvicg (1925, p. 1) já marcava essa distinção, mas sinalizando-a com asteriscos: um único indicava os heterógrafos não corrigidos por Pascal; dois, os corrigidos ou complementados. Cantillon justifica a divisão afirmando que ela permite evitar consequências ruins e o descaso pela hierarquia entre os pensamentos. Não ficam claras, entretanto, quais seriam as consequências a evitar e as implicações da quebra da hierarquia.

Para explicar-se, Cantillon limita-se a recorrer a um exemplo. Ele compara os pensamentos A167 (Sel 662) e H12 (Sel 681), a fim de mostrar que A167, mais cortante e preciso, não pode ser uma primeira versão de H12, como considera Sellier (1992), que vê no referido heterógrafo o pensamento que constituiria a carta para levar a buscar (cf. Sel 38, 39, 45). Aos olhos de Cantillon, Sellier “confere uma preeminência completamente indevida a esse heterógrafo”, o que ilustra “as consequências desastrosas dessa inversão de valor”

(2023, p. 27). Que conclusão, porém, extrair desse exemplo quanto à distinção entre autógrafos e heterógrafos? Afora a clareza quanto à dimensão material, o que se ganha ao explicitar a distinção? Qual é exatamente seu desdobramento teórico? Deve-se atribuir alguma prioridade hermenêutica aos autógrafos?

Ainda com relação a H12, Cantillon reconhece em nota que o pensamento contém “numerosas citações mais ou menos fiéis de um grande número de pensamentos autógrafos”, mas observa que, “bastante frequentemente, elas tornam insípidos os autógrafos retomados” (*Ibid.*, n. 4, p. 409). Associando a reapropriação insipidante ao fato de H12 abrir a edição de Port-Royal, Cantillon se vê então forçado a dizer que “esse discurso heterógrafo é apócrifo”. O valor da distinção entre autógrafos e heterógrafos residiria, por conseguinte, na possibilidade de detectar apócrifos? A julgar pelas notas, os casos seriam raros: H88 (Sel 786), H155 (Sel 771) e H204 (Sel 741), além de H12 e, supostamente, H18 (Sel I, a tábua de matérias).

Evidentemente, a avaliação de H12 feita por Cantillon não é e não pode ser um paradigma a se projetar sobre a totalidade dos heterógrafos. Permanece, assim, o núcleo dos questionamentos levantados há pouco: se a sombra da apocrifia não pode recair sobre todos os heterógrafos, qual é precisamente o estatuto que lhes deve ser dado? Não é irrelevante especular que efeito a distinção teria, por exemplo, sobre a *Conversa com o Senhor de Sacy sobre Epiteto e Montaigne*, dado que o opúsculo foi composto por Nicolas Fontaine como parte de suas *Memórias para servir à história de Port-Royal*¹⁷.

No que se refere aos temas propostos por Cantillon, pode-se dizer que correspondem bem a tópicos pascalianos, constituindo, como pretendido,

17 À parte os casos de apocrifia, a distinção entre autógrafos e heterógrafos é mobilizada nas notas a A787 (Sel 735) e H184 (Sel 697), quando Cantillon observa que, na última citação dos dois pensamentos, ambas de *Jeremias* 7: 4, a palavra final não é a mesma. Tampouco fica claro nas referidas notas, porém, o estatuto a ser conferido aos heterógrafos. Nesse mesmo sentido, a menção a Matsumura (2015a, 2015b) com o propósito de ratificar a natureza “nefasta” da “confusão entre escritos autógrafos e heterógrafos” (*Ibid.*, p. 19, n. 2) não parece suficiente, já que o pesquisador japonês se concentra na discussão de lições e de indicações tipográficas relativas às intervenções editoriais.

uma leitura de fato mais fluída (ou menos adversa) dos escritos deixados por Pascal. Dizer que a formulação de outros agrupamentos seria possível é um truísmo, como comprova a história das edições dos *Pensamentos*. Dessa perspectiva, dado o imperativo da legibilidade ou o “princípio da comodidade”, como diz Mesnard (1993, p. 20), a medida de avaliação deve ser antes a eficácia. Todavia, vale registrar que, comparados aos quatorze temas de Brunschvicg, os quais, tanto quanto possível, dividem-se meio a meio entre antropológicos e teológicos, apenas o último de Cantillon é abertamente teológico, o que explica o tamanho desproporcionalmente maior dos dois capítulos que lhe correspondem. O estabelecimento do texto, seja quanto à apresentação, seja quanto às lições e notas, condiz com o propósito de Cantillon. Privilegiar o acesso à leitura não significa edulcorar a escrita de Pascal.

Em síntese, a edição de Cantillon inova quanto à estrutura dos *Pensamentos* ao separar expressamente as duas categorias de escritos e busca contribuir para o estabelecimento textual, sobretudo no que se refere à pontuação. Já a recusa dos maços e a conseqüente adoção de temas lembra a empreitada de Brunschvicg. Como o próprio Cantillon afirma, sua edição não está voltada para especialistas: “o objetivo essencial é permitir às novas leitoras e aos novos leitores abordar, nas melhores condições, um livro menos confuso do que ele era antes de se distinguir autógrafos e heterógrafos” (2023, p. 31). Acerca da distinção entre autógrafos e heterógrafos, no entanto, pode-se acrescentar ao questionamento anterior a dúvida sobre como se daria a contribuição para novas leitoras e novos leitores. A distinção certamente favorece a sensibilidade à história material dos *Pensamentos*, mas não é seguro que contribua para o percurso temático proposto. A sensação que se tem é que a presente edição está cindida entre o cuidado com a legibilidade (donde a proposição de um percurso temático) e um aceno aos especialistas (com a demarcação entre autógrafos e heterógrafos e a atenção meticulosa à pontuação)¹⁸.

18 Agradeço ao João Cortese pelo convite-desafio de revisar a edição de Cantillon e pelas sugestões apresentadas. Agradeço ainda ao Thiago Borges de Almeida, ao Luís César Guimarães Oliva e ao Eduardo Dolabela pela leitura e comentários.

EDITING PASCAL'S *PENSÉES*: HISTORICAL REMARKS AND ANALYSIS OF CANTILLON'S EDITION

Abstract: The posthumous discovery of Blaise Pascal's writings on Christianity posed a challenge for his family and friends: how should these writings be edited? The present work makes a brief inquiry into this challenge and offers an overview of the main editions of Pascal's *Pensées* since the Seventeenth century, including that of Allain Cantillon, published in 2023. The purpose of the present work, therefore, encompasses the following steps: (I) some historical remarks concerning the task of editing *Pensées*, (II) an overview of its main editions, and finally (III and IV) a description and analysis of Cantillon's editorial proposal.

Keywords: Pascal; Manuscripts; *Pensées*; Editing; Ordering; Cantillon.

Referências bibliográficas

- Brunschvicg, L. (1925). *Introduction aux Pensées de Pascal (première partie)*. In: Pascal, B. *Œuvres de Blaise Pascal*. Troisième tirage. Paris: Hachette, 1925. v. 12.
- Cantillon, A. (2014a). *Le Pari-de-Pascal: étude littéraire d'une série d'énonciations*. Paris: Vrin.
- _____. (2014b). *I - Ponctuer*; Le Guern: *l'impossible dialogisme*. Les Dossiers du Grihl, 8 - 2. DOI: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.5478>
- _____. (2014c). *II - Ponctuer*; Lafuma: *différer l'énonciation*. Les Dossiers du Grihl, 8 - 2. DOI: <https://doi.org/10.4000/dossiersgrihl.5479>
- Contat, M. et al. (1993). *Pascal: Pensées ou Discours? Autour d'une nouvelle édition procurée par Emmanuel Martineau*. *Débat. Genesis*, n. 3, p. 135 - 142.
- Descotes, D. (1979). *Compte Rendu: Pascal, B. Pensées, nouvelle édition établie pour la première fois d'après la copie de référence de Gilberte Pascal, par Philippe Sellier*. Les Classiques du Mercure, Mercure de France, Paris, 1976.

- Revue d'Histoire littéraire de la France, ano 79, n. 4, p. 655 - 658.
- Descotes, D., Proust, G. (2008). *Un projet du Centre International Blaise Pascal: l'édition électronique des Pensées*. Courrier du Centre international Blaise Pascal, n. 30, p. 2 - 14. DOI: <https://doi.org/10.4000/ccibp.486>
- Frigo, A. (2015). *L'évidence du Dieu Caché: introduction à la lecture des Pensées de Pascal*. Mont-Saint-Aignan: Presses Universitaires de Rouen et du Havre.
- Hendrickx, M. (1984). *Compte Rendu: Pascal, Blaise. Pensées*, éditées par Francis Kaplan, (1982). Revue théologique de Louvain, ano 15, fasc. 3, p. 363 - 366.
- Lafuma, L. (1952). Observations sur les premières éditions des *Pensées* de Pascal. In: *Controverses Pascaliennes*. Paris: Éditions du Luxembourg. p. 121-143.
- Le Guern, M., Le Guern, M.-R. (1972). *Les Pensées de Pascal: de l'anthropologie à la théologie*. Paris: Labrousse.
- Lewis, G. (1950). *Compte Rendu: Pascal, B. Discours de la condition de l'Homme*, éd. de P.-L. Couchoud. Paris, Albin Michel, 1948. Revue Philosophique de la France et de l'Étranger, t. 140, p. 208-210.
- Maeda, Y. (1979). *Pascal au travail: quelques aspects de la méthode rédactionnelle chez Pascal*. In: Mesnard, J. (Ed.) *Les Méthodes chez Pascal: actes du Colloque tenu à Clermont-Ferrand 10 - 13 juin 1976*. Paris: PUF. p. 155-172.
- Matsumura, T. (22 agosto 2015a). *Remarques sur la nouvelle traduction japonaise des Pensées de Pascal*. Fracas, n. 19. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-01185984> Acesso em: 12 abril 2024.
- _____. (30 agosto 2015b). *Sur une certaine pratique philologique pascalienne: de Philippe Sellier à Tetsuya Shiokawa*. Fracas, n. 20. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-01188442> Acesso em: 12 abril 2024.
- McKenna, A. (1984). *Compte Rendu: Pascal, B. Les Pensées*, éditées par Francis Kaplan, Paris, Ed. du Cerf, 1982. *XVII Siècle*, n. 143, v. 2, p. 171-173.
- _____. (1988). *Filleau de La Chaise et la réception des Pensées*. Cahiers de l'Association internationale des études françaises, n. 40. p. 297-314.
- Mesnard, J. (1962). *Pascal*. Nouvelle édition, revue et corrigée. Paris: Hatier.

- _____. (1987). *Yoichi Maeda 1911 - 1987*. Courrier du Centre International Blaise-Pascal, n. 9, p. 3-6. DOI: <https://doi.org/10.4000/ccibp.447>
- _____. (1993). *Les Pensées de Pascal*. 3. ed. Paris: Sedes.
- _____. (2013). *L'ordre dans les Pensées*. XVII Siècle, n. 261, v. 4, p. 575-602.
- Pascal, B. (1670). *Pensées de M. Pascal sur la religion et sur quelques autres sujets*. Paris: Guillaume Desprez. 365p.
- _____. (1964). *Œuvres Complètes*. Texte établie, présenté et annoté par Jean Mesnard. Paris: Desclée de Brouwer. t. I.
- _____. (2023). *Pensées*. Édition établie, présentée et annotée par Alain Cantillon. Vincennes: Éditions Thierry Marchaisse.
- Pérouse, M. (2006). « Discerner ce qui est de l'auteur » : Une querelle de l'autorité à la naissance des *Pensées*. Littératures, n. 55, p. 33-46.
- Plazenet, L. (2022). *Les Pensées de Blaise Pascal (1670)*. In: Le Fol, S. (Ed.) *La Fabrique du chef-d'œuvre: comment naissent les classiques*. Paris: Perrin. p. 91-114.
- Proust, G. (2010). *Les Copies des Pensées*. Courrier du Centre international Blaise Pascal, n. 32, p. 4 - 47. DOI: <https://doi.org/10.4000/ccibp.325>
- Sellier, Ph. (1992). *L'ouverture de l'apologie pascalienne*. XVII Siècle, n. 172, v. 4, p. 437 - 449.
- _____. (2009). *Indications d'ordres et dossiers pascalien*. Revue des sciences philosophiques et théologiques, t. 93, n. 1, p. 145-154.
- Thirouin, L. (2023). *Depuis quand Pascal a-t-il écrit une "apologie"?* In: *Pascal ou le défaut de la méthode: lectures des Pensées selon leur ordre*. Nouvelle édition augmentée. Préface de Dominique Descotes. Paris: Honoré Champion. p. 341-357.

Fontes manuscritas

Primeira Cópia (C₁) – Bibliothèque Nationale de France, *fonds français* 9203.
Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200029v/f2.item>
Acesso: 22 março 2024

Recolha Original (RO) – Bibliothèque Nationale de France, *fonds français*

9202: Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52504189f/fi.item> Acesso: 22 março 2024

Segunda Cópia (C₂) – Bibliothèque Nationale de France, *fonds français* 12449.

Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6000694t/fi.item>

Acesso: 22 março 2024